



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato
da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

REALIZOU-SE na passada quarta-feira, uma reunião das Comissões de Melhoramentos e Juntas de Freguesia de Belém e Ajuda, na sede desta última.

Presidiu à sessão o coronel Ex.^{mo} Sr. Coutinho Gouveia, tendo concedido a palavra em primeiro lugar ao presidente da Junta da Ajuda, que declarou aos assistentes, encontrar-se deveras maguado com as acuações que lhe têm sido feitas. Depois de explicações várias, ficou assente, que no dia seguinte, as comissões respectivas, fôsem entregar à Câmara Municipal e Companhia Carris, as pretensões já aprovadas na reunião magna que se effectuou na sede do Belém-Club em 5 do corrente.

Efectivamente na passada quinta-feira, pelas 16 horas, estas entidades acompanhadas por vários parroquianos, foram recebidas pelo coronel Ex.^{mo} Sr. Linhares de Lima, presidente da Comissão Administrativa da C. M. L., a quem foi lida pelo coronel Ex.^{mo} Sr. Homem de Figueiredo, uma bem elaborada representação, pedindo a ligação da linha electrica entre Ajuda e Belém. Sua Ex.^a o Presidente da Câmara, declarou que tinha em muita consideração o trabalho que lhe acabavam de ler, mas que no presente momento lhe era de todo impossível executar a obra pedida, pela razão de gastar imenso dinheiro com o saneamento a realizar na capital, comprometendo-se no entanto, a envidar todos os esforços, no sentido de conseguir dar satisfação completa à pretensão das duas freguesias.

Os mesmos elementos, dirigiram-se em seguida à Companhia Carris, tendo sido recebidos pelo coronel Ex.^{mo} Sr. Batista Coelho, um dos directores da mesma, a quem foi entregue o trabalho votado, tendo S. Ex.^a comunicado aos presentes, que daria conhecimento do seu conteúdo ao Conselho de Administração da Companhia. Contudo, foi dizendo aos comissionados, que os trabalhos pedidos, não poderiam ser atendidos com aquela brevidade desejada, visto que a Companhia lutava com dificuldades grandes, como de resto, succede com todas as indústrias.

JARDIM BOTANICO DA AJUDA

Instado há muito para colaborar no nosso pequeno quinzenario, que V. Ex.^a tão inteligentemente dirige, confesso a minha pouca vontade na aquiescencia, porque os andrajos da minha prosa se envergonhariam a par de penas brilhantissimas, como a de V. Ex.^a, Alfredo Gameiro, Alexandre Settas, Aço, etc. Hoje, porém, aqui estou, não para emparedar com jornalistas, mas simplesmente disposto a aborrecer os inumeros leitores do nosso querido quinzenario, e colocar-me no último plano dos seus colaboradores.

E então vamos tocar um assunto já debatido neste jornal, e que de alguma maneira interessa ao povo desta freguesia.

Li num artigo publicado no numero anterior e assinado pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Perry Vidal, pessoa por quem nutro a maxima consideração, que a abertura do Jardim Botânico da Ajuda seria altamente prejudicial, não só á cultura nacional mas á saude pública. Confesso que discordo absolutamente de S. Ex.^a, que certamente vai perder os meus reparos, e focarei apenas os pontos mais importantes, por não ter o direito de maçar o leitor.

Talvez disparate meu, visto que S. Ex.^a tão bem afirmou que a abertura do Jardim Botânico contribuiria para a propagação da tuberculose, mas sempre desejava que nos explicasse melhor, como é que uma população X, vivendo em determinado espaço, poderá ser prejudicada com a ampliação do mesmo? E, então, pasmo do fenomeno que contribuirá para que dessa população a que vamos dar, por hipotese, 900 pessoas saudáveis e 100 tuberculosas, as saudáveis sejam mais facilmente contagiadas desde que se lhes alargue o espaço em que vivem!

Citou S. Ex.^a o local dos pinheiros da Ajuda, como um foco de infecção, e eu creio, e novamente será um disparate, que aquele cantinho nos traz algum beneficio, porque infelizmente não temos sanatórios ou quaesquer outros locais destinados a êsses pobres doentes. Pois não vemos nós, tuberculosos passeando pelas ruas da freguesia, encostados ás esquinas, sentados nos degraus altos e salientes dos prédios antigos, ou aproveitando os bancos dos estabelecimentos, sempre escarrando no chão?

Que diferença existe em escarrar no chão dos pinheiros ou nos passeios da Calçada da Ajuda? Creio bem que o segundo caso é mais prejudicial, e, se alguma coisa havia a fazer a bem das duas partes, seria, em primeiro lugar separál-os e depois ensinar-lhes todas as regras de higiene, infelizmente desconhecidas pela maioria.

Quanto ao prejuizo que a abertura daquele jardim

(Conclue na página 8)

MUITAS pessoas se nos têm dirigido, perguntando qual o dia da inauguração dos estabelecimentos que foram construídos no Bairro Económico da Ajuda e que se destinam a venda de produtos agricolas, peixe, etc., e que substituirá o mercado que tanta falta faz, na nossa freguesia.

Em resposta, diremos aos nossos prezados leitores, que também aguardamos com ansiedade essa inauguração, dada a importância que tal melhoraumento encerra.

NA «Sociedade Filarmonica Recordação de Apolo», realizou-se no passado domingo, uma grandiosa festa, que decorreu muito animada.

A convite da Direcção, o Sr. António Cabral Rocha, realizou uma conferência sobre «A instrução, o desporto e a beneficência» como motivo de propaganda dos serviços que prestam e podem vir a prestar as agremiações de recreio. Fez a apresentação do conferente o Sr. Miguel Nunes, da direcção da «Recordação de Apolo». Cabral Rocha, referiu-se com vastos conhecimentos ao motivo da sua conferência, terminando por se referir ao falecimento de Alfredo Resina, que foi um elemento de grande valor e dedicação pela «Sociedade F. Recordação de Apolo». O orador foi muito ovacionado no final do seu discurso.

E' deveras sensibilizados que começamos hoje a publicar colaboração do nosso querido e illustre amigo, Ex.^{mo} Sr. Coronel João José de Melo Migueis, a quem abraçamos efusivamente.

AFALTA de espaço, continua a perseguir-nos cruelmente. Assim, vimos-nos forçados a reter bastante original, dentre êle os artigos dos nossos prezados colaboradores Ex.^{mos} Srs. Coronel Bivar de Sousa e Dr. Perry Vidal.

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros
Vinhos recebidos directamente de Arruda**LIBANIO DOS SANTOS**VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

BAIRRO ECONOMICO DA AJUDA

— Qual a vossa opinião sobre o Bairro Economico da Ajuda?

Eis uma pergunta que, á queimadura, acaba de fazer-me o meu amigo senhor Alexandre Rosado, dignissimo director deste jornal.

— Temos estrevista?

— Não, apenas o desejo de conhecer a opinião que os leitores de «O Comércio da Ajuda» formuláram ácerca do Novo Bairro e... nada mais.

— A minha opinião é simples, resume-se em três palavras. O bairro deve ser crismado.

—?

— De económico nada tem. Ao Estado tem custado milhares de contos e portanto, está carissimo. O futuro habitante (se algum dia fôr habitado) terá de pagar uma renda carissima, porque é a resultante duma arrematação em hasta pública.

— Tem graça, é a opinião da quasi totalidade das pessoas a quem abordei sobre este assunto. Porque não escreve o meu amigo um artigo para o nosso jornal, expando a sua opinião?

— Eu!... nunca escrevi para jornais, falta-me a competência, o saber, as qualidades de jornalista e não desejo sujeitar-me á critica dos profissionais. Nunca tal fiz, nem é meu desejo faze-lo.

— Quando se escreve com a nobre intenção de auxiliar os desprotegidos da sorte, não devemos incomodar-nos com a critica. Ficar bem com a consciência, é quanto nos basta. O meu amigo vai fazer-nos esse favor. Escreva um artigo para o nosso jornal. Não recuse, não?

A tão amavel convite não resisti, nem podia resistir, tais eram os argumentos apresentados pelo meu amigo.

Eis o artigo; resta-me pois pedir a maxima benevolencia áqueles que, pela primeira vez, se vêm obrigados a aturar-me.

A historia do Bairro Economico da Ajuda é de todos conhecida, basta

relembrar que a sua edificação começou no ano de 1918 e que em 1921 ou 1922 já estavam concluidas algumas habitações.

Pouco tempo depois, se a memória não falha, estavam em condições de alugar, cerca de cento e vinte casas.

Eram 120 familias que se retiravam das pocilgas onde viviam e, com um pouco mais de conforto e higiene iriam habitar o novo bairro.

Gastára-se tanto dinheiro, porque motivo não se alugavam as casas e se abandonava o bairro?

Não havia dinheiro para a sua conclusão?

Com o producto das rendas, estou certo, remediava-se, em parte, este mal.

A junta de freguesia apoiada pelos seus habitantes resolve solicitar das instâncias superiores a conclusão do Bairro.

Neste meio tempo, nasce «O Comércio da Ajuda» e apesar de criança bate-se valentemente a favor dos in-

teresses da freguesia e por consequencia do Bairro.

As obras recomeçam, trabalha-se afinadamente na construção de novos edificios e restauração dos antigos, inabitaveis pela acção do tempo e má qualidade do material empregado. Uma única cousa, supomos que se encontrava boa, eram as chaves muito bem arrecadadas na secretária dum funcionário publico.

Em 7 de Março do ano findo é publicado um decreto respeitante ao bairro. A alegria renasce em todos os corações. Não se fala noutro assunto. O bairro deve estar pronto em 31 de Março de 1933.

Um ano depressa passa. Fazem-se comentários, fala-se em preços de aluguer, em vendas de casas e mil cousas mais. Todos julgam falar a verdade, mas o que é certo é que ninguém *acerta*.A inauguração é marcada para 28 de Maio mas a *fada do mal* quiz que S. Ex.^a o Sr. Ministro das Obras Publicas e Comunicações, não podesse comparecer e a inauguração foi adiada *sine die*.

Com prazer, vimos abater o velho madeiramento que durante longos anos se estendia ao longo da Travessa da Boa Hora e em seu logar surgir altivo e magestoso o novo bairro, com escola, quartéis de bombeiros e policia, vistosas casas de habitação, magnifico balneário, esplendido miradouro, etc., e julgámos vêr realisada a nossa mais bela aspiração.

Puro engano, triste ilusão, o bairro apesar de pronto continúa a não ser habitado.

O decreto continua de pé, falta o regulamento, dizem alguns funcionários das repartições competentes.

«Não se perde de vista o fim com que se têm construído as casas economicas do bairro da Ajuda» diz o decreto, mas o que é certo, é que eco-

(Conclui na página 7)

FARMACIA FIGUEIREDO

42, Calçada da Ajuda, 44

TELEFONE B 489

CONSULTAS MÉDICASpelos Ex.^{mos} Srs. Drs.:**BARBIERI CARDOSO** (Clínica geral)

Todos os dias ás 12 horas

FRANCISCO SEIA

(Olhos, ouvidos, nariz e garganta)

Sábados ás 11 horas

MARTINS LEITÃO

(Doenças das crianças)

Todos os dias ás 17 horas

PINTO DA ROCHA

(Olhos, ouvidos, nariz e garganta)

Todos os dias ás 19 horas

SCHIAPPA MONTEIRO

(Clínica geral e partos)

Segundas e sextas-feiras ás 15 horas

Serviço nocturno aos sábados

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

PEROLA DA AJUDA

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Bôa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mêsas

LICORES E TABACOS

DROGARIA SANTOS

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende:

Drogas, produtos químicos, tintas
de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias.

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, a preços razoáveis

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}**PADARIA**

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

Pérola do Cruzeiro

DE

JOÃO DE DEUS RAMOS

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Especialidade em chá e café—Vinhos finos, do Pôrto e de pasto

Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — LISBOA — Telef. B. 634

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA - Todos os dias ás 17 horas

PEDRO DE FARIA - Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas

ALVES PEREIRA - 4^{as} feiras ás 9 h.

FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às terças-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telefone B. 456

José António Rebelo de Avelar**MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO**

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. —

Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro

fundido e laminado. - Ferragens para construção e marcenaria.

Oleos, gasolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83

A. D. RESINA, L.^{DA}

Armazem de Cereais, Legumes, Semeas, etc.

VENDAMOS AOS MELHORES PREÇOS NAS MELHORES CONDIÇÕES DO MERCADO

**CAFÉ CONFIANÇA**

(MARCA REGISTRADA)

Deposito para Revenda: 27-A, RUA DE ALCANTARA, 27-D

Telef. B. 254

LISBOA

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA

SOLDADURA AUTOGÉNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas
e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor
e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA—Telef. B. 496

CONSTRUTOR CIVIL

Inscrito na Camara Municipal de Lisboa

PROJECTOS E ORÇAMENTOS

Rua da Bica do Marquez, 5 — LISBOA

FOTOGRAFIA CINEMA

A mais perfeita execução em todo o género de fotografia

6 postais, com brinde, 15\$00

Retratos para passes desde 4\$00 a duzia

R. do Sacramento, 26, 1.^o (á Pampulha)

A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como:
livros á antiga, amador
e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Armam-se pastas de fantasia e bordadas

Enveraisam-se mapas

DIFICULDADES na obtenção dos clichés destinados á reprodução, em gravura, da capela do Cruzeiro e da cruz a que essa capela serviu de abrigo durante mais de um século, obrigaram-nos a protelar o cumprimento da nossa promessa feita no n.º 35 deste quinzenário.

Removidas as dificuldades, temos o prazer de inserir neste número as gravuras, acompanhadas de alguns esclarecimentos acerca das proporções do cruzeiro, dando assim lugar a que os nossos leitores possam fazer uma ideia aproximada dessa obra de escultura, e avaliar a beleza e elegância de que o artista a revestiu.

Sobre um pedestal com 58 centímetros de largura, assenta a base em que se ergue o fuste de linhas simples, encimado por um capitel também de singelo desenho.

O pedestal e a base atingem a altura de 30 centímetros, e daí até o extremo superior do capitel medem-se 2 metros e 50 centímetros. O crucifixo que encima o monumento, e é dele a parte mais artística, tem de altura 1 metro, aproximadamente, sendo, portanto, de 3 metros e 80 centímetros a altura total do cruzeiro.

O pedestal tem gravado na face da frente a seguinte inscrição:

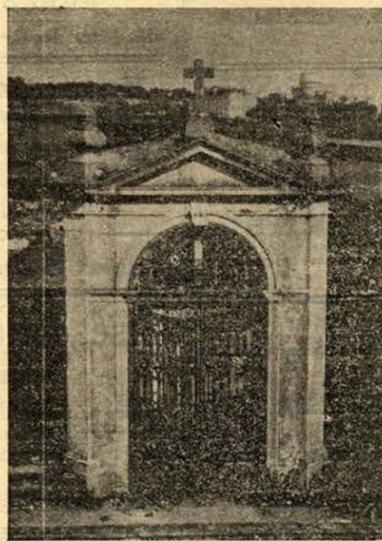
GASPAR MANSO
PATRÃO MOR
MÆ POS. MDCIX

e na face direita:

PESO-LHE AVN PA-
TER NOSTER
E NVA AVE MARIA

A Ajuda de outros tempos

Da capela já falámos. A sua arquitectura nada tinha de notavel, sendo



apenas digna de nota a porta de ferro-rendilhado, que é, no género, um trabalho de invulgar merecimento.

Quando no n.º 27 de *O Comércio da Ajuda* enumerámos os templos citados pelo padre José Baptista de Castro no seu *Mapa de Portugal* (1763), referimo-nos á Capela de Nossa Senhora dos Afflictos e Santo Cristo, na quinta principal de D. Lázaro Leitão, actualmente propriedade do Sr. Visconde do Marco. Por erro tipográfico, porém, diz-se que esta capela foi edificada no século XIII, quando, em verdade, ela data do século XVIII.

Mas uma vez que somos forçados a falar novamente desse antigo templo, a fim de rectificar devidamente a data da sua fundação, afigura-se-nos oportuno dar aos nossos leitores algumas notas, embora rápidas, acerca do palácio que foi um dos mais belos edificios da antiga Junqueira, e hoje, depois de artisticamente renovado, se tornou uma luxuosa moradia que honra o bom gosto e inteligência do seu actual proprietário.

Para conseguirmos o nosso fim, vamos socorrer-nos do livro publicado em 1925 pelo Sr. Artur Lamas, intitulado *A Casa-nobre de Lázaro Leitão no sítio da Junqueira*.

O caminho a que no século XVIII foi dado o nome de Rua Direita da Junqueira tinha anteriormente a designação de *estrada* ou *estrada real*, e não existia uma comprida ponte, abso-

luta e necessária por causas das enxurradas do Rio Sêco.

Nesse tempo não havia dísticos nas ruas, nem as portas eram numeradas; só 1802 esse sistema começou a ser adoptado. Pelo livro dos arruamentos da Ajuda, relativo ao ano de 1811, vê-se, porém, que a Junqueira estava dividida em duas partes: Rua da Junqueira, desde Santo Amaro ao Altinho e Rua Direita da Junqueira, a começar no Altinho e terminando junto á Calçada da Ajuda. Cada uma destas ruas tinha a sua numeração especial, que começava da parte do Nascente, seguia pelo Sul, e continuava-se, em sentido contrário, pelo Norte, até o ponto de partida.

Claro está que este processo, em duas ruas, seguidas uma á outra, e com designações idênticas, originava constantes confusões, e por isso, em 1887, a Câmara Municipal deu a ambas o nome comum de Rua Direita da Junqueira, fazendo-se no ano seguinte nova numeração das portas, mas ainda pelo antigo processo, isto é, começando no Nascente, pelo Sul, até á Praça de D. Fernando, e voltando pelo Norte até Santo Amaro. Em 1900 é que definitivamente foi esta maneira modificada no sentido actualmente usado.

Desde 1600 que a Junqueira pertencia a um vínculo administrado pelos descendentes de António de Saldanha, fidalgo ilustre de origem castelhana. O sítio, porém, era quasi ermo, pois que nele apenas existiam o solar dos morgados, o forte de S. José e o de S. Pedro (vulgarmente «da Estrela»), um diminuto número de barracas na

Farmacia
SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefone B. 329

Consultas
médicas
diárias

Serviço
noturno ás
quintas-feiras

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

lutamente necessária por causas das enxurradas do Rio Sêco.

Nesse tempo não havia dísticos nas ruas, nem as portas eram numeradas; só 1802 esse sistema começou a ser adoptado. Pelo livro dos arruamentos da Ajuda, relativo ao ano de 1811, vê-se, porém, que a Junqueira estava dividida em duas partes: Rua da Junqueira, desde Santo Amaro ao Altinho e Rua Direita da Junqueira, a começar no Altinho e terminando junto á Calçada da Ajuda. Cada uma destas ruas tinha a sua numeração especial, que começava da parte do Nascente, seguia pelo Sul, e continuava-se, em sentido contrário, pelo Norte, até o ponto de partida.

Claro está que este processo, em duas ruas, seguidas uma á outra, e com designações idênticas, originava constantes confusões, e por isso, em 1887, a Câmara Municipal deu a ambas o nome comum de Rua Direita da Junqueira, fazendo-se no ano seguinte nova numeração das portas, mas ainda pelo antigo processo, isto é, começando no Nascente, pelo Sul, até á Praça de D. Fernando, e voltando pelo Norte até Santo Amaro. Em 1900 é que definitivamente foi esta maneira modificada no sentido actualmente usado.

Desde 1600 que a Junqueira pertencia a um vínculo administrado pelos descendentes de António de Saldanha, fidalgo ilustre de origem castelhana. O sítio, porém, era quasi ermo, pois que nele apenas existiam o solar dos morgados, o forte de S. José e o de S. Pedro (vulgarmente «da Estrela»), um diminuto número de barracas na

praia, e algumas casas de modesta aparência.

Por alvará de 15 de Janeiro de 1701, D. Pedro II autorizou o morgado João de Saldanha a dar por aforamento a testada das terras da sua quinta da Junqueira, que começava nas escadadas da ermida de Santo Amaro, e chegava junto do lugar de Belém. Muitas edificações se levantaram então naquele sítio, e até pessoas de alta coacção e vários fidalgos ali construíram palácios ou casas nobres.

Lázaro Leitão Aranha era doutor em Ciências de Direito Civil, desembargador, deputado do Santo Officio, e pessoa muito da confiança do rei D. João V, que, para o recompensar dos serviços prestados numa comissão difícil em Roma, o nomeou conselheiro e cônego da Patriarcal, onde atingiu a alta categoria de Principal.

No desejo de possuir uma casa de recreio e repouso, Lázaro Leitão, que estava na idade de 56 anos, adquiriu em 1734 umas casas modestas que

haviám pertencido ao francês Pedro Baraduc, no sítio da Junqueira, e ainda outras anexas para maior alargamento do palácio que pretendia edificar. Arrasadas todas estas casas, levantou então a casa-nobre, a que deixou ligado o seu nome, e a que no interior procurou dar elegância e conforto.

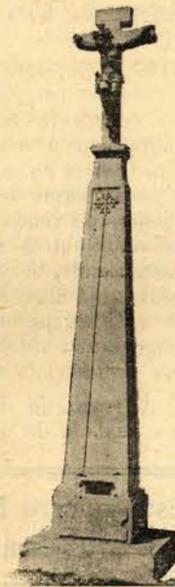
A capela, construída posteriormente, parece datar de 1742 e ter sido edificada, assim como toda a casa, segundo o plano do architecto Carlos Mardel.

Em virtude das modificações que a numeração das portas sofreu em várias épocas, como já atrás dissemos, a casa-nobre de Lázaro Leitão teve em 1802 os numeros 105-106-107; em 1868 foi registada na respectiva conservatória com os n.ºs 75 á 77, que passaram a 248 a 250 em 1888, a 194-196-198 em 1903, e, por fim, 188-190-192, numeros que actualmente conserva.

Alfredo Gameiro.

FOOTBALL

Para disputa da taça «Alfredo Duarte Resina», instituída pela S. F. Recordação d'Apolo, em homenagem á memoria daquele seu prestimoso consócio, encontraram-se no passado domingo, num desafio de football, as equipas representativas daquela Sociedade e do Ajuda-Club. O jogo iniciou-se depois da homenagem dos dois minutos de silencio, prestada a meio campo por ambas as equipas, cabendo a vitoria ao Ajuda-Club, que venceu a sua adversária por 1-0.



NÃO é raro ler-se nos jornais periodicos a noticia de que em tal ou tal rua caiu prostrado por uma sincope um individuo desconhecido, verificando-se depois que a causa desse repentino accidente foi a miséria e a fome.

Prova isso que, a despeito das multiplicas manifestações da caridade official e particular, muita miséria ignorada se arrasta pelas ruas da nossa formosa Lisboa, e que a assistencia publica atinge ás vezes aqueles que menos o merecem, deixando morrer á mingua e ao desamparo tantos desgraçados bem dignos de commoção e de auxilio.

A uma cena de desgraça assistii eu, ha já alguns anos,

tão triste e tão comvente, que jámais a impressão profunda produzida se me apagou do espirito.

Era por volta das 11 horas da noite, quando, ao passar por uma das ruas menos concorridas do Bairro Alto, se me deparou uma cousa informe, semelhante a um pequeno monte de farrapos. Ia para afastá-lo

para a valeta com a extremidade da minha bengala, quando julguei ouvir, saídos daquele sujo embrulho, os vagidos de uma criança. Abaixei-me para ver melhor e pude verificar que não me havia enganado. De facto, envolvida numa farrapagem miseravel, estava uma criança de poucos meses.

Cheio de espanto por aquele extraordinario achado, olhei em volta, e foi então que descobri, sentada na soleira duma porta proxima e como que profundamente adormecida, uma mulher bastante nova ainda, e cujo rosto apresentava os vestigios de uma beleza, por assim dizer, envelhecida, mas que as privações e desgostos não tinham podido apagar completamente.

Os andrajos que a cobriam denunciavam a sua extrema pobreza, e por isso me convenci de que aquela desgraçada era certamente uma mendiga que para ali adormecera, extenuada de cansaço, e que a criança lhe rolara do colo para a calçada, sem que ella o sentisse.

Compungido por um tal espectáculo, acerquei-me dela e toquei-lhe no hombro, no intuito de a despertar.

Não se moveu, porém.

Abalei-a com força, e sempre o mesmo resultado. Notei que tinha as mãos geladas, que as faces estavam palidas como as de um caaver, e os olhos entreabertos. Evidentemente aquella pobre mulher estava desfalecida, sem sentidos, morta talvez.

Como nessa occasião um individuo que passava se acercasse do nós, movido pela curiosidade, pedi-lhe que fizesse ali junto daquela desgraçada, emquanto eu ia em busca de um agente de policia que desse as providencias que o caso urgentemente reclamava.

Não foi sem custo que a encontrei. Depois de ouvir a exposição do caso, aquele agente da ordem pareceu-me agastado por irem distrahir do seu sonolento passeio e, sem se mover do sítio em que estava, rosnou:

— Se calhar é alguma bebedeira.

— Seja o que for; o que é certo é que aquella mulher precisa ser socorrida.

Apesar da sua manifesta má vontade, resolveu-se a acompanhar-me, e auxiliou-me depois na remoção da mendiga e da criança até a farmacia mais proxima, onde o pharmaceutico, tendo ministrado á doente um cordial e posto em prática os meios usuaes para a fazer voltar a si, nos disse:

— Esta mulher encontra-se num estado grave de fraqueza. Parece-me que o que ella tem é fome.

Alguns momentos depois a mulher começou a dar sinais de vida, e como se reconhecesse que o seu estado

não oferecia perigo immediato, o policia entendeu que o mais conveniente seria removê-la para a esquadra, a fim de ali ser interrogada e dar-se-lhe depois o destino conveniente.

E lá foi, amparada por ambos nós, até á esquadra, onde o cabo de serviço fez o interrogatorio do estilo:

— Como se chama?

— Eulalia de Jesus.

— Em que se emprega?

A esta pergunta, a desgraçada hesitou em responder, e duas grossas lágrimas lhe rolaram pelas faces.

— Em que se emprega? — repetiu o cabo.

— Peço esmola.

O cabo dirigiu-lhe um olhar obliquo, e perguntou:

— Que idade tem?

— 23 anos.

— E então com essa idade precisa de andar na pedincha?

A esta pergunta, atirada dum modo brutal, a misera cambaleou e teria certamente caído se eu não a amparasse.

Achei então conveniente intervir, tentando abrandar a furia interrogadora do agente, e mostrando-lhe que, doente como estava, aquella mulher teria dificuldade em responder duma maneira satisfatoria ás perguntas que lhe fossem feitas.

E dirigindo-me a ella, perguntei-lhe:

— Vocemecê tem fome?

— Há quasi trez dias que não como — respondeu com voz sumida e amparando-se ás costas duma cadeira.

— Já vê que o melhor será dar-lhe primeiro de comer e interrogá-la depois.

O cabo coçou a cabeça, e após alguns momentos de indecisão, disse voltando-se para mim:

— O senhor tem razão, mas nós não temos verba para estas cousas.

E depois tomando uma resolução:

— O 402, vá ali á taberna da esquina e traga alguma cousa de comer para esta mulher.

E acrescentou:

— Olhe que é do meu bolso que tenho de pagar isto. Mas emfim, quero provar-lhe que a policia não é tão má como alguns dizem, e que sabe pôr em prática as obras de misericordia.

(Conclui no próximo número).

Nova Padaria Taboense

DE

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 128 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz

AJUDA — LISBOA

Favorita Ajudense

DE

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fiquero, Retrozeiro, Rocparia e Gravalaria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

Vamos emitir a nossa opinião

«O Comércio da Ajuda» e «Ecos de Belém» de 10 e 16 do corrente, respectivamente, dão conta aos seus leitores do que se passou na reunião dos moradores das freguesias da Ajuda e Belém, efectuada em 5 do corrente, na sede do Belém-Club, gentilmente cedida pelos seus corpos gerentes.

Tal reunião, feita a convite das Comissões Administrativas das Juntas das duas freguesias, teve por objectivo dar a conhecer os termos em que foram elaboradas as representações a entregar á Camara Municipal de Lisboa e á Companhia Carris, pedindo a construção de uma linha electrica que ligue, por circulação, Ajuda e Belém, com início no Rossio.

A leitura dos relatos que fizram os dois jornais bairristas deu-nos a impressão, principalmente a do «Ecos de Belém», que o representante da Comissão Administrativa da Junta da Freguesia da Ajuda não esteve á altura das responsabilidades inerentes á situação official que disfruta porquanto, apenas se limitou a declarar que apoiava a pretensão da Comissão Administrativa da Junta da Freguesia de Belém.

Foi deveras lamentavel que o representante da C. A. da Freguesia da Ajuda se limitasse apenas, ou pouco mais, ao simples *apoiado*, tão tradicional nas creaturas comodistas por excelencia.

E, se classificamos de lamentável tal attitude, é porque entendemos que o representante da C. A. da Freguesia da Ajuda podia e devia ter ido muito mais longe, afirmando pelo menos:

Que a linha electrica Rossio-Ajuda-Belém-Rossio, se de uma maneira geral constitue um melhoramento para as duas freguesias, muito especialmente ella vai beneficiar Belém, atendendo a que é lá que funciona o mercado de hortaliças, peixe, criação, fruta, etc. etc., único motivo que levará os habitantes da Ajuda a utilizar-se da linha, cuja construção vai ser solicitada.

E' só por este prisma que nós encaramos os esforços empregados para se conseguir tal melhoramento. E tanto isto é assim que, tendo sido construídas no novo Bairro da Ajuda algumas casas destinadas a estabelecimentos de venda de hortaliças, frutas, peixe e outros géneros de primeira necessidade, é voz corrente que se movem já altas influências, no sentido de não ser permitido estes ramos de negocio nas referidas casas, para não ser prejudicado o mercado de Belém.

A freguesia da Ajuda, tem ma's necessidade de um mercado e de ver

resolvido o problema do abastecimento de água, do que da nova linha electrica, o que não quer dizer que não vê de bom grado este melhoramento.

Trabalhar pelo progresso, pelo engrandecimento das duas freguesias, estamos absolutamente de acôrdo, e não regatearemos jámais os nossos louvores a êsses obreiros. Mas, trabalhar-se em beneficio de uma, prejudicando a outra, é que não está certo.

Em qualquer assunto de maior ou menor transcendencia, deve-se agir por forma a imprimir-se sempre um cunho de sinceridade máxima, para que se não dê oportunidade a desvirtuarem as nossas intenções.

Pertencemos também ao número dos que desejam que a amizade, entre os habitantes da Ajuda e Belém, se estreite cada vez mais; e para tal se conseguir, é preciso que os peoneiros desta bela causa se entendam perfeitamente, mandando ao diabo as subtilzas de A. ou de B.

Eis o que nos oferece dizer sobre o assunto que levou a reunir os habitantes da Ajuda e Belém, no dia 5 do corrente. Mas devemos afirmar, antes de terminarmos as nossas considerações, que tudo o que ahí fica tem uma ponta de politica, *mas de politica bairrista*, na verdadeira e sincera acepção do termo.

Agostinho António.

Este número foi visado
pela Comissão de Censura

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em cortice, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 - LISBOA
TELEFONE BELEM 367

CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

Os bons vinhos da Região de Mafra : Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117 Calçada da Ajuda, 212 a 216
R. da Junqueira, 293-B a 293-D Calçada da Ajuda, 154 a 156
Calçada da Tapada, 47 a 53 Largo 20 de Abril, Calvár o', 1

Instalações electricas a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS
ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552,
onde serão atendidos com a máxima urgência.

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 - LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

Bairro Económico da Ajuda

(Continuado da página 2)

nomia não existe, como já o demonstrei no princípio deste articulado.

A Camara Municipal vagarosamente vai tratando de arranjar os arruamentos e não pensa em nivelar o pavimento da Travessa da Boa-Hora, considerado urgente, desde que funcione o pequeno mercado horticola, cujas lojas se encontram prontas.

Para que o Bairro possa denominar-se Económico torna-se necessário estabelecer rendas baratas ao alcance das classes pobres, embora subsistam as preferências estabelecidas no § 1.º do decreto já citado. Só assim poderá justificar-se o titulo de Económico.

O Bairro continúa a não ser habitado. Por quanto tempo?

Não o sabemos.

Vem a propósito contar aos meus estimáveis e presados leitores a historia dum receptor de T. S. F. pertencente a um médico, meu amigo.

O médico em questão não querendo ou não podendo gastar muito dinheiro pretendeu adquirir um aparelho *económico*.

Um construtor-amador encarregou-se da montagem por um preço nada económico. Passados dias o aparelho estava mudo. Em idas e vindas do aparelho para concerto, o meu amigo gasta mais do que o necessário para a compra dum belo «super-hetero lino.» Passaram-se mezes, julgo quinze e o meu amigo tem em sua casa um aparelho receptor económico, mudo e por consequência posto de parte, tendo gasto alguma cousa mais do que pretendia.

Convem dizer que ao passar por várias oficinas, foi lhe dito que o material de origem, não era bom, estava mal montado, etc.

O que é certo, é que, o meu amigo adquiriu um aparelho Económico para o ter arrecadado a um canto do escritório.

Quem nasce torto, tarde ou nunca se endireita, diz o meu amigo. O meu aparelho foi mal-fadado de principio portanto passarei a designá-lo por mal-fadado em vez de Económico.

Esta historia parece-se imenso com a do Bairro da Ajuda.

Nasceu torto, foi malfadado de origem. O material empregado de principio foi mau, tal como o aparelho; agora, está pronto, mas como é *malfadado*, em vez de Económico, continúa ás moscas, não se aluga, trouxe despeza ao Estado e não traz economia a pessoa alguma.

¿Não concordam que o Bairro deveria ser crismado, como a principio disse?

Só me resta pedir mil perdões e dar por terminado este mal arazoado de palavras que vêm encher as colunas dum jornal, que mais bem empregadas seriam, tratando doutros assuntos de urgencia para a freguesia da Ajuda.

M. M.

Dr. A. Martins Leitão Junior

Interno do Serviço de Pediatria dos Hospitais Civis

Doenças das Crianças - - Clínica Geral

Consultas diárias ás 17 horas

FARMACIA FIGUEIREDO

C. da Ajuda, 44

Telef. B. 489

BELEM-JARDIM

Perante uma selecta assistencia, inaugurou-se no passado dia 8 esta importante esplanada, situada ao principio da Rua Bartolomeu Dias. Foi deveras um empreendimento arrojado da parte da empresa Mendonça & Sousa, Limitada, que conseguiu duma maneira digna dos maiores encómios, um melhoramento de tal grandeza para Belém.

E' sem dúvida um dos melhores passatempos para a população desta zona, atendendo aos belos programas de cinema que são exibidos e ao conforto admiravel que todos os lugares oferecem. Também é digno de registo o primoroso serviço de *bar*, bem como o aprumo dos numerosos empregados desta esplanada.

A' Empreza, tam digna da nossa admiração, apresentamos os nossos maiores agradecimentos pelo cativante convite recebido, desejando-lhes que vejam o seu colossal esforço coroado dum exito absoluto.

Fogueiras de S. João

Ardem traves de madeira,
Tudo o que faz combustão,
Mas não se lança á fogueira
Esta velha tradição.

As labaredas agitam
A vontade de folgar,
Nas fogueiras que crepitam
Para o Santo festejar.

Saltai, pequenas, saltai
Com toda a satisfação,
Nesses folguedos cantai
As trovas de S. João.

Rapazes e raparigas,
Em franco divertimento,
Bailem, não temam fadigas,
Dansem a todo o momento.

Rodem, pulem, rodopiem
Numa constante alegria,
E em tal gózo associem
Primores de galanteria.

Mesmo se lhes aprouver
Conquistar um coração,
Façam, pois, o que é mister
E com toda a prontidão.

Mas não se queixem no fim
Que S. João foi quem fez
Um casamento ruim,
Que a flecidade desfez.

Pois sendo o Santo incapaz
De fazer mal a qualquer,
Mesmo a quem fôr mau rapaz
Lhe destina uma mulher.

Porém, desculpem Vocências,
Se findar no matrimónio,
— A pior das contingências —
Deu-lhes o Santo, um Demónio!

Alexandre Settas.

SALÃO PORTUGAL - CINEMA

Travessa da Memória - Ajuda - Telef. B. 124

SABADO, 24 **O ROBINSON MODERNO**, com Douglas Fairbanks
O Deserto da Morte, com Tom Mix

DOMINGO, 25 - **Robinson Moderno**
e **Ricardito Lobo do Mar**

Domingo, 25 - EM MATINÉE

O Robinson Moderno,
Ricardito Lobo do Mar
Contrabandistas de Malhorca

Dia 26 - **Não quero saber quem és**
e **Emillo e os detectives**

Dia 27 - **Ludibriada**
e **A Parada do Amor**
Dias 1 e 2 - **O Dirigível**

Dia 3 - **GRANDIOSA SURPREZA**
a apresentar ao Público deste bairro
O QUE SERÁ?

e os filmes **A Grande Corrida**
e **Aldrabão á Fôrça**

Dia 5 - **As irmãs Celestinas**
e **O Médico e o Monstro**

Dia 6 - **Grandioso Espectáculo**

O Salão Portugal é o mais fresco de Lisboa. Brevemente grandes acções e abertura da época de verão com vários divertimentos ao ar livre.

Jardim Botânico da da Ajuda

(Continuado da 1.ª página)

traria á cultura nacional, ainda não vejo claro, pois estou convencido que se ele pertence ao Instituto Superior de Agronomia, é só porque tem de pertencer a qualquer entidade. Mas, estamos a acreditar que é utilizado pelos alunos para sua aprendizagem. As suas plantas raras, as suas estufas, os seus arquivos, que interessam ao público? Citou S. Ex.ª alguns jardins públicos, estabelecendo a diferença entre estes e o da Ajuda, mas omitiu, certamente por esquecimento, um que existe bem perto de nós e que eu vou lembrar e citar como exemplo: o Jardim Colonial. E' êle destinado, principalmente, á cultura de plantas coloniais, delas tendo abundantes coleções, tanto mais preciosas quanto é certo a sua difficil aclimação. E' dentro daquele jardim, e aproveitando estas plantas, que fazem seus tirocinios, todos os regentes e engenheiros agronomos coloniaes. E' um jardim murado tal como o Jardim Botânico, e como êste com um só portão de entrada. Possui 7 estufas, seus arquivos e arrecadações com portas e sem sentinelas, e, faz esta grande diferença do Jardim Botânico da Ajuda: ocupa uma area de 50.000 m². Pois êste jardim está franqueado ao público desde as 9 ás 17 horas e, espantoso! apenas com dois guardas a vigia-lo! Que algum empregado tenha dado por isso, nem uma só planta appareceu danificada, nem tão pouco consta que o público tenha perturbado os estudantes.

Consinta pois V. Ex.ª que eu levante bem o meu pedido para abertura do Jardim Botânico da Ajuda. Introduzam-lhe as obras de que carece, plantem árvores, encaminhem para lá as creanças dêste bairro, que, durante as longas tardes de verão, por não poderem suportar as temperaturas dos seus tugurios, se agitam aos magotes por essas ruas, aprendendo a fugir da policia, buscando maus costumes, brigando, partindo vidros, proferindo obscenidades, principalmente porque a rua não oferece a necessidade daquela compostura que seriam obrigados a guardar em local próprio. Que se impõe então? Esse local próprio. Abra-se o Jardim Botânico, levem para lá as creanças ensinando-lhes a olhar com respeito as suas plantas, estabeleça-se dentro daquele portão um curso de ginástica para essas mesmas creanças e em nada se prejudicará a saúde publica e muito menos a cultura nacional. Far-se-há assim uma grande obra.

Carlos de Sousa.

Bilhetes de visita desde 4\$00 o cento

C. d'Ajuda, 176 * * Telef. B. 329

VERBENA DOS PANCAS

A Sociedade Recreio Ajudense, acaba de inaugurar no seu aprazível recinto, uma Verbena muito interessante, abrilhantada por uma magnifica orchestra-jazz. Propõe-se a sua Direcção, levar a cabo festas nas noites de Segundas e Quintas-feiras, Sábados e Domingos, até ao mês de Setembro, constando-nos que é sua intenção, proporcionar em algumas noites aos assistentes, brilhantes espectáculos, em que colaborem vários elementos de valor da cena portugêsa, bem como da Canção Nacional.

Muito sensibilizados ficámos pelo amável officio de saudação que recebemos, bem como pelo cartão de livre entrada, com que a dignissima direcção nos quis distinguir.

Beneficencia Particular

Para os nossos pobres, recebemos da Mesa Administrativa da Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguesia da Ajuda, com amáveis cumprimentos, uma senha para o bodo que aquela Irmandade distribuiu por ocasião da sua festa do Orago.

Tambem o nosso particular amigo sr. Francisco Duarte Resina distribuiu, por intermedio do nosso jornal, um bodo a alguns pobres da nossa freguesia.

Em nome dos contemplados, agradecemos.

DUAS PALAVRAS...

O SACRIFICIO

Já não é a primeira vez (e infelizmente nem a segunda nem a terceira) que são cortados no jornal os modestissimos artigos que tanto trabalho me dão a escrever. A êste respeito dizia-me há pouco, mais ou menos estas palavras, o nosso director:

— Meu amigo, você sabe que o nosso jornal é um pequeno quinzenário bairrista, sem politica, que vive unicamente á custa da receita produzida pelos anuncios que publica, visto que é de distribuição gratuita. Nestas condições, embora êl tenha sempre, como é obvio, accitação do público, torna-se necessário que a direcção lhe imprima uma linha de conduta que o mantenha acima da discussão de doutrinas que não consigam o aplauso anônimo dos seus mantenedores. Sômos, a bem dizer, o fiel duma balança, que não pode pender para qualquer dos lados sem ferir as susceptibilidades de qualquer das partes. O meu amigo tem escrito artigos por vezes interessantes — mas acaba quasi sempre por fazer decair os assuntos que versa para um campo ideológico que foge um pouco á directriz demarcada no cabeçalho que encima a primeira pagina do jornal.

Vinham estas palavras como justificação do *sacrificio* que êle fizera de mais um dos meus escritos — que eu fui depois religiosamente guardar na gaveta onde vou amontoando um a um os sacrificados artigos...

Afonso Aço.

A Excursão a Evora

promovida pelo nosso jornal, continua despertando grande interesse

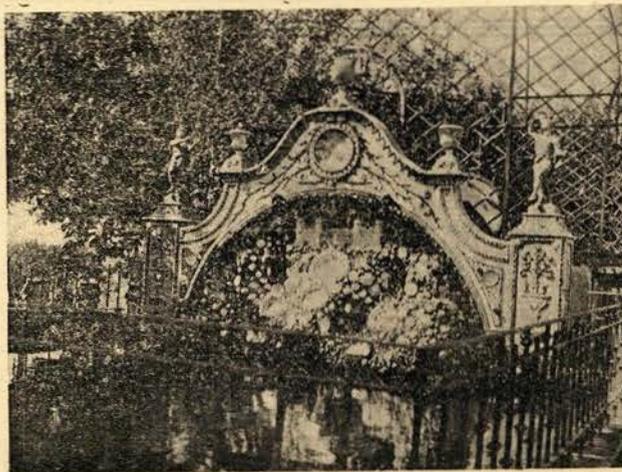
«O Comércio da Ajuda» inicia hoje, embora resumidamente, devido á grande falta de espaço, a descrição das belezas de Evora, a cidade-museu.

Começaremos pelo delicioso cantinho que é a Quinta da Malagueira, propriedade do sr. Conde da Ervideira, que, de dois palmos de terreno, con-

seguiu fazer um dos mais aprazíveis recintos de Portugal.

São do «Album Alentejano» as palavras que seguem:

«É um parque de Versailles em ponto pequeno, é claro. A dentro dos muros da Malagueira, encontram-se cantinhos que atraem, tal a sua beleza. A quinta contém uma imensidade de cascatas com estatuetas, carramacheis e tudo quanto a fantasia dum artista pode conceber, ali se encontra naquêl conjunto. E devemos confessar: no género não encontramos ainda melhor no país. E' um mimo, e êsse mimo de arte moderna foi mandado executar por um jovem artista alentejano. E êsse jovem, que é o sr. Conde da Ervideira tem 70 anos».



Quinta da Malagueira — Uma cascata

O cliché que publicamos foi cedido a «O Comércio da Ajuda», amavelmente, pela excelente publicação *Album Alentejano*.